

lateral. Um cruzamento que nem vi como; só sei que foi o PC. Deu para ver pela camisa 10. Ele entra, marca e todo mundo grita: *GOOOOOOOO....Epa!* O bandeira deu impedimento. Vejo uma garrafa de água passando por cima de minha cabeça em direção ao bandeirinha. A torcida da Lusa grita e faz gestos obscenos.

Fim de primeiro tempo, zero a zero. Olho para trás: todo mundo está se evadindo das arquibancadas em direção ao bar. Vejo pessoas com copos plásticos cheios de cerveja e pergunto ao Vart:

- *Não foi proibida a venda de bebida nos estádios?*

- *Foi, responde, completando: E daí? Vâmo pegar uma meia dúzia.*

Na volta aos nossos lugares, o Fer e o Topera aparecem e compartilham a cerveja no escaldante sol, que já deixa marcas em minha pele desprotegida de filtro solar.

Começa o segundo tempo e a Inter volta com tudo. De repente o técnico, um inglês naturalizado brasileiro e cantor de pagode de nome Michel Robin, muda de tática, tira o zagueiro Neto, de número quatro, e coloca o quinze Daniel Brunder. Mesmo sem guardar o nome do elenco, mas capaz de identificar a categoria dos jogadores, sei que o zagueiro que saíra é um exímio cobrador de faltas. E se surgirem oportunidades? Quem cobrará?

Entre os nove e doze minutos do segundo tempo, eis que aparece a resposta. Uma falta a uns três metros da meia lua. Daniel Brunder ajeita a bola. Olha pela barreira. O juiz apita. Ele bate. *GOOOOOOOOOOOOOL!*, gritam os quase mil torcedores. A batucada incendeia o estádio. *Tum dum dum, LEÃO! Tum dum dum, LEÃO! Tum dum dum, LEÃO!*

- *Um a zero pra nós!*, fala o Vart, delirando de alegria.

Dali em diante é só pressão leonina, que vai até os 40 minutos do segundo tempo. Outros integrantes da torcida organizada da Portuguesa chegam atrasados, mas motivados a impulsionar o time. Vêm gritando: *LUSA! LUSA! LUSA!*

Daí por diante só dá o adversário. Ataque forte, cruzamento na área, até que aos 47 minutos, no fim do jogo, uma bola de escanteio sobra de cabeça. Silêncio da maioria, gritos de alegria do outro lado, um a um.

- *Não acredito! Vai ser ruim lá no inferno!*, grita o Vart. *Não dava pra subir e tirar essa?*, reforça, zangado com a defesa.

Ao voltar a bola no centro do campo, o árbitro encerra a partida. A torcida sai inconformada. Passa pelo técnico e o chama de burro. Em frente ao vestiário da arbitragem desfere gritos de “ladrão”, “bandido” e outras ofensas.

Fora do estádio começa do nada uma confusão. Pedras são atiradas contra o ônibus da torcida adversária. Uma blazer da Polícia Militar chega dando cavalo de pau. Os policiais saem com cassetetes nas mãos e sangue nos olhos. Feito pitbulls ouriçados, estão prontos para acertar o primeiro desavisado que passar pela frente.

Na descida, outra viatura chega disparando bombas de efeito moral. Um ruído ensurdecedor estoura bem do nosso lado. *BUMMMM!* Volto-me e vejo de relance um homem com uma criança no colo correndo abaixado, como se estivesse em um tiroteio.

A TV chega e filma. A polícia pára e leva alguns delinquentes. A torcida recua e vai embora. De repente, toda a bagunça cessa. O silêncio volta e o campeonato prossegue. Um empate com sabor de derrota.